

## **ETHOS DISCURSIVO EM UM TECNOGÊNERO: UM PREFEITO EM UM REEL DO INSTAGRAM**

DISCURSIVE ETHOS IN A TECHNOGENRE: A MAYOR ON AN INSTAGRAM REEL

ETHOS DISCURSIVO EN UNO TECNOGÉNERO: ACALDE EN EL REEL DE INSTAGRAM

**Luís Rodolfo Cabral**

Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês  
Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal  
ORCID: 0000-0001-5456-8927  
Santa Inês, MA, Brasil

Recebido: 22/01/26 / Aprovado: 01/06/26

Como citar: CABRAL, L. R. Ethos Discursivo em um Tecnogênero: um prefeito em um reel do Instagram. Revista GEMInIS, n. 17, p. 275–288, 2026.

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

## RESUMO

O artigo examina como agentes políticos constroem imagens de si em plataformas digitais, tomando como objeto um *reel* publicado no perfil oficial da Prefeitura de São Luís (MA) no Instagram. A partir da interface entre a Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva e a Análise do Discurso Digital, o estudo investiga os mecanismos discursivos pelos quais Eduardo Braide, prefeito da capital maranhense e gestor com maior aprovação entre capitais brasileiras em 2025, legitima sua autoridade política em um tecnogênero nativo digital. A análise evidencia que, em contexto não eleitoral, ao invés do argumento verbal explícito, a construção do *ethos* político se dá predominantemente pelo *ethos* mostrado, englobando corporalidade, gestualidade, ocupação do espaço público e articulação multissemiótica. A cenografia da visita técnica em obra configura-se como dispositivo central de legitimação discursiva, produzindo efeitos de competência, proximidade e prestação de contas sem recorrer aos gêneros formais da comunicação institucional. Os resultados contribuem para a compreensão dos novos regimes de visibilidade política e das estratégias de construção de credibilidade do gestor público em ambientes digitais.

**Palavras-chave:** *ethos* discursivo; tecnogênero; cenografia.

## ABSTRACT

This article examines how political actors construct self-images on digital platforms, focusing on a *reel* published on the official Instagram profile of a Municipality in Brazil. Drawing on the interface between Discourse Analysis from an enunciative-discursive perspective and Digital Discourse Analysis, the study investigates the discursive mechanisms through which Eduardo Braide (mayor of the state capital São Luís – MA and the highest-rated municipal manager among Brazilian state capitals in 2025) legitimizes political authority within a digitally native technoggenre. The analysis demonstrates that, in a non-electoral context, the construction of political *ethos* occurs predominantly through *shown ethos* encompassing corporality, gesture, occupation of public space, and multisemiotic articulation, rather than through explicit verbal arguments. The scenography of a technical construction site visit emerges as a central device of discursive legitimation, producing effects of competence, proximity, and accountability without resorting to the formal genres of institutional communication. The findings contribute to the understanding of new regimes of political visibility and of the strategies through which public managers build credibility in digital environments.

**Keywords:** discursive ethos; technoggenre; scenography.

## RESUMEN

El texto analiza la construcción del *ethos* discursivo del alcalde de São Luís, Eduardo Braide, en una producción nativa digital. Teóricamente, la investigación se ancla en la interfaz entre el Análisis del Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva y el Análisis del Discurso Digital, movilizand las nociones de escenas de la enunciación, con énfasis en la escenografía, y de tecnogénero, para explicar el debilitamiento de la escena genérica y la hipertrofia de la escenografía digital. El análisis muestra que el *ethos* se construye predominantemente a través del *ethos mostrado* — corporalidad, gestos, ocupación del espacio y articulación semiótica — más que por el *ethos dicho*.

**Palabras Clave:** *ethos* discursivo; tecnogénero; escenografía.

## 1 INTRODUÇÃO

A presença de gestores públicos nas redes sociais digitais deixou de ser uma estratégia eleitoral ocasional para se tornar uma prática sistemática de governança e comunicação política. Plataformas como o Instagram e o X redefiniram as condições de produção, circulação e legitimação do discurso político contemporâneo, criando novos espaços para que prefeitos, parlamentares, governadores e presidentes construam sua imagem pública fora dos ciclos eleitorais e dos canais institucionais tradicionais. Nesse cenário, a credibilidade do gestor não se sustenta apenas pelo que ele diz, mas, cada vez mais, pelo modo como ele se apresenta, se movimenta e ocupa o espaço público diante das câmeras, especialmente as de celular.

É nessa interseção entre comunicação política e ambientes digitais que se situa este artigo. O objeto de análise é um *reel* publicado no perfil oficial da Prefeitura de São Luís (MA) no Instagram, produção nativa digital protagonizada por Eduardo Braide, prefeito da capital maranhense e gestor com maior índice de aprovação entre as capitais brasileiras em 2025. A escolha de um período não eleitoral não é contingente: ao investigar como a autoridade política se constrói fora da lógica de campanha, o estudo busca compreender os mecanismos cotidianos de legitimação do poder local nas redes sociais.

Para tanto, o artigo mobiliza ferramentas teórico-metodológicas adotando interface entre a Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva, com ênfase nas noções de *ethos* discursivo e cenas da enunciação desenvolvidas por Maingueneau (2015), e a Análise do Discurso Digital, proposta por Paveau (2021) para dar conta das especificidades dos discursos produzidos nativamente em ambiente digital. Essa articulação teórica permite ir além da análise da materialidade verbal e incorporar à investigação os elementos visuais, gestuais, sonoros e espaciais que, em produções multimodais como o *reel*, são constitutivos do sentido político.

A questão central que orienta a investigação é: *de que modo o ethos discursivo de um gestor público é construído em um tecnogênero nativo digital?* Para respondê-la, o artigo está organizado em três seções, além desta introdução e das considerações finais: a primeira apresenta o quadro teórico; a segunda descreve os critérios de constituição do *corpus*; e a terceira desenvolve a análise do *reel* selecionado.

## 2 AS CENAS DA ENUNCIÇÃO E O *ETHOS* EM AMBIENTE DIGITAL

Para este texto, apoiamo-nos teoricamente em uma interface entre a Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva, particularmente as reflexões de Maingueneau (2015), e a Análise do Discurso Digital, proposta por Paveau (2021), conforme discussão teórica a seguir.

No empreendimento teórico-metodológico de Maingueneau (2015), destaca-se a noção de cenas da enunciação. Tomado de empréstimo do domínio teatral, o termo “cena” não apenas reforça a ideia de que os sujeitos ocupam posições e desempenham papéis na interação verbal, mas também remete ao modo pelo qual o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação, assegurando-lhe relativa autonomia em relação às evidências empíricas. Assim, aquilo que o texto diz pressupõe um cenário que ele mesmo deve instituir e validar por meio de sua enunciação. Essa concepção fundamenta-se na premissa de que o “enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, visa, de fato, suscitar a adesão dos destinatários, instaurando uma cenografia que o legitima” (Maingueneau, 2015, p. 123).

A noção de cenas da enunciação coloca em funcionamento três dimensões interdependentes: cena englobante, cena genérica e cenografia. Essas dimensões não funcionam de maneira hierárquica rígida, mas em constante interação. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso ou ao campo discursivo no qual o enunciado se inscreve. Trata-se de uma cena de ordem ampla, que remete a um domínio da atividade social historicamente constituído e que impõe expectativas quanto aos valores mobilizados, aos papéis enunciativos possíveis e às finalidades do dizer. Essa cena define, portanto, o horizonte de inteligibilidade do discurso e delimita o espaço de posições discursivas disponíveis aos sujeitos – por exemplo, um enunciado inscrito no campo político pode definir, em tese, pelo menos, duas posições em interação, a de um agente político e a de um cidadão/eleitor.

A cena genérica, por sua vez, está associada ao gênero de discurso e diz respeito a um conjunto de coerções relativamente estabilizadas que regulam a produção e a circulação dos enunciados: modos de endereçamento, formas de organização textual, regimes de legitimação do dizer e papéis atribuídos aos interlocutores, por exemplo. A cena genérica não se confunde com um molde fixo, mas com um conjunto de expectativas normativas que orientam tanto a produção quanto a interpretação dos discursos. Para ilustrar a cena genérica, lançamos mão do que ocorre com os vídeos de campanha durante o período eleitoral na televisão: fala, geralmente monologal, de um candidato que se dirige a um eleitor em potencial, organizada em um iconotexto que conjuga materialidades de diferentes semioses (som, imagem, palavra...), com temporalidade limitada.

A articulação entre cena englobante e cena genérica constitui o quadro cênico, entendido como o espaço relativamente estável no interior do qual um enunciado pode ser reconhecido como

pertencente a determinado tipo e gênero de discurso. Esse quadro, contudo, não esgota a singularidade da enunciação, que se realiza plenamente no nível da cenografia. A cenografia é, portanto, a dimensão em que o discurso se encena efetivamente. Recorrendo novamente ao exemplo do campo político, o evento enunciativo pode ser encenado sob a forma de uma palestra, de um programa de auditório, de uma aula, de uma visita à uma comunidade de apoiadores, de um discurso em palanque etc., de modo que, sob a rubrica do mesmo gênero (campanha eleitoral), diferentes encenações sejam construídas.

Diferentemente das cenas englobante e genérica, que preexistem à enunciação, ela é produzida no próprio ato de dizer. Corresponde à encenação particular da situação de enunciação tal como o discurso a constrói e a apresenta como legítima, instituindo um modo específico de presença do enunciador, um certo tipo de relação com o destinatário e uma configuração determinada na topografia e na cronografia, o lugar e o tempo discursivos, respectivamente (Maingueneau, 2015). A cenografia é, ao mesmo tempo, aquilo que engendra o discurso e aquilo que é por ele engendrado: o discurso só se torna aceitável se a cenografia que propõe for reconhecida como pertinente, e essa pertinência só se confirma pela própria enunciação, de modo que “o locutor deve, em seu enunciado, configurar um mundo cujas propriedades sejam tais que justifiquem o próprio quadro da enunciação” (Maingueneau, 2015, p. 123).

Para facilitar a compreensão da cenografia, remontamos à profissão de fé de José Bové em circulação durante eleições presidenciais francesas em 2007. Em análise do texto, Maingueneau demonstra que, pela cenografia construída, o candidato, ao posicionar-se como “candidato diferente dos outros” e afirmar que “não pertence a nenhum partido político”, instaura para si uma topografia ao mesmo tempo de filiação e de não filiação, que permite fazer dele um “porta-voz de um agrupamento”. Essa propriedade de representação do coletivo manifesta-se pelo recorrente uso de “nós”, fazendo com que, em tal configuração, “o partido político seja eliminado como mediador que se interporia indevidamente entre povo e sua representação” (Maingueneau, 2013, p. 193). Do mesmo modo, pela própria enunciação, constrói-se a imagem do enunciador a partir de escolhas lexicais correspondentes não somente a categorias prototípicas da esquerda tradicional (“sindicalista”, “militante”), mas também por termos modificadores mais genéricos (“cidadão engajado”, “altermundialista”).

Quando o discurso se inscreve no ambiente digital, a noção de cenografia demanda um alargamento conceitual. Isso ocorre porque, na web, há enfraquecimento do quadro cênico em favor de uma “hipertrofia da cenografia digital” (Maingueneau, 2016, p. 148), englobando o conjunto de recursos técnicos, visuais, sonoros e organizacionais que participam da construção da cena de enunciação. Como esses elementos funcionam não como simples suporte, mas como componentes

estruturais do discurso, que interferem diretamente na produção de sentido e na construção da autoridade enunciativa.

É nesse quadro que se insere a noção de tecnogênero, cuja especificidade reside na estreita relação das práticas languageiras com a tecnologia, manifestada em sua adaptabilidade às novas ferramentas e práticas digitais. A noção de tecnogênero desafia a compreensão canônica de gênero discursivo, já que as produções nativas digitais frequentemente apresentam a cena genérica enfraquecida (Maingueneau, 2015, 2016); assemelham-se mais aos “hipergêneros” (Maingueneau, 2015), pois comportam uma ampla gama de textos com estabilidade de propriedades mínimas comunicativas, sendo aptos a servir a diversas situações de comunicação *online*. Ainda que seja uma produção discursiva nativa do ambiente digital, o “tecnogênero pode derivar de um gênero pertencente ao repertório pré-digital, mas que os ambientes digitais nativos dotam de características específicas (como o comentário on-line), ou constituir um gênero digital nativo” (Paveau, 2021, p. 328).

Outro conceito diretamente articulado às cenas da enunciação é o de *ethos* discursivo. Na perspectiva de Maingueneau (2024), o *ethos* não é concebido como um traço psicológico do sujeito empírico, nem como uma imagem prévia simplesmente transportada para o discurso. Trata-se, antes, de uma imagem de si construída na e pela enunciação, sempre situada, relacional e socialmente avaliada.

Manifestando-se nas cenas enunciativas, o *ethos* se ancora na cena englobante, sofre as coerções da cena genérica e se materializa na cenografia. Desse modo, afasta-se da ideia de um componente autônomo, e torna-se componente coextensivo de toda enunciação, pois o “destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros do discurso” (Maingueneau, 2010, p. 79).

Essa perspectiva teórica rejeita a concepção de *ethos* propriamente associada à persuasão por argumentos, tal qual compreendido pela Retórica, e foca no processo de adesão dos sujeitos a certos discursos. Pode-se chamá-la de uma concepção “encarnada” do *ethos*, sendo uma dimensão discursiva que recobre além do verbal, incluindo também um conjunto de determinações físicas e estereotipadas ligadas à figura do fiador, instância discursiva responsável por garantir a sua credibilidade.

Diferentemente do sujeito empírico que fala, o fiador é uma entidade discursiva que emerge da própria cena enunciativa como suporte do dizer, dotada de caráter e de corporalidade, e não como reflexo direto de uma identidade social preexistente. Ao fiador, atribuem-se um caráter e uma

corporalidade: “o ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se” (Maingueneau, 2008, p. 18).

No funcionamento do *ethos* discursivo distinguem-se três dimensões analiticamente articuladas, cuja relevância e hierarquização variam conforme o tipo de discurso e a materialidade considerada. A dimensão categorial refere-se aos papéis discursivos assumidos pelo enunciador em uma dada cena de enunciação, socialmente reconhecíveis e relativamente estabilizados. A dimensão experiencial corresponde às caracterizações sociopsicológicas associadas ao fiador do discurso, inferidas a partir da maneira de dizer, da corporalidade, da gestualidade e da cenografia. Por fim, a dimensão ideológica diz respeito às posições assumidas pelo enunciador no interior de um campo discursivo específico — no caso, o campo político —, não se reduzindo a filiações partidárias explícitas, mas envolvendo valores, prioridades e modos de conceber a ação pública. De todo modo, é importante compreender que, para caracterizar o *ethos* os “analistas filtram de maneira drástica os elementos que eles julgam pertinentes em função do gênero e do tipo de discurso” (Maingueneau, 2018, p. 322).

### 3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O *corpus* é um *reel* publicado no perfil oficial da prefeitura de São Luís no Instagram (@prefeiturasauluis), extraído de um acervo<sup>1</sup> composto por 16 produções desse tecnogênero. A escolha de Eduardo Braide se justifica pelo fato de ele ter sido considerado o prefeito mais bem avaliado das capitais brasileiras (Veja, 2025). No acervo original, as postagens foram organizadas de acordo com as seguintes informações: data de publicação e tema (infraestrutura, educação, esporte, saúde, direitos humanos). O *corpus* deste texto corresponde a um reel publicado no dia 05 de março de 2022, com temática de infraestrutura<sup>2</sup>. O recorte temporal foi feito em razão de corresponder a um período não coincidente à campanha eleitoral, quando pressupõe-se que o agente público costume projetar imagem positiva de si para angariar votos.

A partir de uma abordagem qualitativa, sustentada teoricamente na Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva em interface com a Análise do Discurso Digital, o *corpus* é analisado pela apreensão da cenografia, de modo a identificar a imagem construída por Eduardo Braide nessa produção, considerando as três dimensões constitutivas do *ethos*.

---

<sup>1</sup> Resultado do Projeto de Iniciação Científica – Ensino Superior, intitulado *Ethos discursivo em ambiente digital: o perfil de um agente político do Maranhão no Instagram*, desenvolvido no ano de 2025 no Instituto Federal do Maranhão, com bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CaupaxijfWn>.

#### 4 CENOGRAFIA DIGITAL E CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO

Temos aqui um *corpus* nativo digital (Paveau, 2021), isto é, uma produção discursiva concebida, produzida, publicada e destinada à circulação em ambiente digital, sem transposição de outro suporte. A existência dessa produção depende integralmente da plataforma, de suas coerções técnicas e de seus regimes de visibilidade, não sendo registro de um discurso anterior.

Depreendendo as cenas enunciativas, iniciamos pela cena englobante. Nessa dimensão, a produção inscreve-se no campo político, podendo também ser apreendida como da esfera administrativa. Posicionado do primeiro modo, o interlocutor é interpelado como eleitor; do segundo, como um usuário de serviços públicos. Em ambos os casos, a cena enunciativa parece investir em uma demonstração de prestação de contas de serviços em execução na cidade de São Luís.

No que se refere à cena genérica, ela corresponde a um *reel* institucional. Enquanto gênero nativo digital, observamos as seguintes coerções impostas nessa dimensão enunciativa correspondentes às condições de êxito (Maingueneau, 2015): organização composicional em sequência, curta durabilidade, montagem rítmica e indissociabilidade das semioses. Essas coerções não apenas moldam a forma do vídeo, mas influenciam diretamente o modo de dizer, de modo que o discurso é organizado para captar atenção rapidamente, manter fluidez visual e produzir impacto imediato. Como tecnodiscurso, essa produção mostra-se inseparável do dispositivo técnico que o sustenta – no caso, o Instagram.

Explorando cada uma dessas coerções, vemos que o iconotexto é organizado em formato vertical, com enquadramento compatível com visualização em dispositivos móveis. Sobre a durabilidade, o vídeo tem extensão inferior a um minuto (aprox. 47 segundos), o que institui uma organização fortemente condensada. Não há desenvolvimento argumentativo progressivo nem explicitação detalhada de informações, de maneira que o sentido é produzido por uma sucessão rápida de cenas curtas, cada uma delas podendo funcionar inclusive como fragmentos autossuficientes, já que apresentam potencial de destacamento, propriedade comum dessas produções (Cabral, 2025).

Quanto ao movimento, a câmera acompanha deslocamentos, gestos e enquadramentos de Eduardo Braide, fazendo da ação visível o principal operador de sentido. Mesmo na ausência de fala contínua, o espectador é conduzido à interpretação do acontecimento pela observação direta do que se desenrola na cena. Em uma tomada específica, Eduardo Braide aparece posicionado entre dois outros homens anunciando o motivo do vídeo: apresentar aos seguidores as obras do Mercado do São

Cristóvão. Nesse *take*, a câmera está estática, diferentemente do que ocorre na quase totalidade do vídeo.

No que se refere à materialidade, o vídeo articula imagem, som ambiente e trilha sonora em um bloco semiótico único. Ao fundo de quase todo o vídeo, ouve-se o *riff* de guitarra introdutório de Misirlou, de Dick Dale, bastante conhecido pela trilha sonora de *Pulp Fiction*, e sampleado na canção *Pump it*. À maneira da cena do filme de Quentin Tarantino e do videoclipe de Black Eyed Peas, esse som sustenta o ritmo acelerado das imagens e contribui para a construção de um efeito de dinamismo e continuidade. A multimodalidade da produção se manifesta na interdependência entre legendas, as falas e o encadeamento das cenas, sendo que dissociar um elemento do outro implicaria perda significativa de sentido, o que confirma o caráter intersemiótico do iconotexto em questão.

No que se refere à cenografia, iniciamos pelas coordenadas de lugar e de tempo. A cronografia do reel é ancorada no tempo presente da ação. O enunciado verbal (“O sábado foi acompanhando as obras...”), proferido por Eduardo Braide, inscreve a cena no tempo do *agora*, mais precisamente no fim de semana. A referência ao sábado desloca o trabalho administrativo para fora do horário convencional, produzindo um efeito de continuidade da gestão para além do expediente formal. O grau aumentativo do substantivo tanto marca o tempo quanto evoca o imaginário de descanso e de folga, rejeitado pelo locutor ao apresentar-se em ambiente de trabalho.

A topografia também é especificamente delimitada: o Mercado do São Cristóvão, espaço urbano popular em São Luís reconhecido socialmente como local de circulação cotidiana e trabalho informal. O vídeo se passa na área em reforma, com paredes deterioradas. Por não estar estetizado, o ambiente marca-se pela precariedade, reforçando o caráter provisório da obra, dado a se visibilizar pela escolha de mostrar o interior do mercado, e não imagens externas finalizadas ou projeções digitais.

Essa organização do espaço da enunciação está relacionada à distribuição dos papéis de cada sujeito na cena: no intervalo 00:00:06 a 00:00:15, o prefeito posiciona-se ao centro, entre duas pessoas, possivelmente membros da gestão, para proferir uma fala exclusivamente monologal. Quanto aos sujeitos instaurados nessa interação, eles são marcados explicitamente na fala de Eduardo Braide: o enunciador é aquele que diz “eu”, e o coenunciador é interpelado explicitamente, de modo informal, pelo aposto “pessoal”, referindo-se aos interlocutores efetivos e, ao mesmo tempo, aos interlocutores presumidos, em razão da imprevisibilidade da produção digital, que torna impossível o “enunciador-escritor prever a forma, a circulação ou mesmo o conteúdo de suas produções linguageiras on-line” (Paveau, 2021, p. 249)

Considerando a fala monologal e o posicionamento central do prefeito no enquadramento, a cenografia construída pelo *reel* legitima o locutor como agente que circula, observa e intervém diretamente no espaço público urbano. Não se trata, portanto, de uma cena de anúncio institucional nem de um pronunciamento formal típico da comunicação administrativa, mas da encenação de uma situação de acompanhamento e inspeção, amplamente reconhecível no imaginário político-administrativo como visita técnica em obra. Essa leitura é reforçada pela presença reiterada de equipamentos de segurança, de objetos próprios do canteiro de obras e pela associação estreita entre atividade verbal e agenciamento material, o que engendra uma cena de intervenção concreta, e não de mero anúncio.

É a partir dessa cenografia que se torna possível depreender o *ethos* discursivo produzido. No que diz respeito ao *ethos* dito, sua manifestação é restrita e pouco desenvolvida, concentrando-se, sobretudo, no enunciado verbal que acompanha o vídeo. Ainda que não haja autodeclarações explícitas nem qualificações pessoais diretas do enunciador, constitui-se como fonte de um dizer positivo sobre si o simples fato de o locutor anunciar que, em um dia fora do expediente institucional, acompanha presencialmente uma obra em andamento. Esse dizer, articulado aos elementos não verbais do vídeo, constrói a imagem de dedicação, disponibilidade e compromisso com a execução da obra pública.

Já o *ethos* mostrado emerge de modo predominante a partir de marcas não verbais inscritas na cenografia. O corpo do prefeito, visível e situado no interior da obra, funciona como operador central dessa construção: a postura ereta, a gesticulação constante, os gestos de observação e apontamento instituem o enunciador como instância orientadora e controladora da cena. Entre os sujeitos que aparecem frontalmente no vídeo, é ele quem detém a exclusividade da fala e da gestualidade. Além disso, os objetos que aparecem no *reel* compõem o agenciamento (Maingueneau, 2020, 2024) da cena, organizando não somente o espaço físico, mas também a dimensão simbólica do corpo que enuncia. Os equipamentos de proteção vão na direção de um chefe em obras, enquanto a camisa branca reforça a imagem de líder que, apesar de não estar com a “mão na massa”, orienta e fiscaliza, cumprindo com a sua missão pública de gestor eleito.

A logomarca da prefeitura, presente ao longo de toda a produção, também participa da constituição do *ethos*, uma vez que ancora a fala do locutor a uma instância institucional e garante a sua legitimidade administrativa. Nesse caso, o responsável pela enunciação também é a “instituição de onde cada membro retira sua autoridade, nos limites impostos por seu estatuto. Esse dispositivo atinge seu rendimento máximo quando se trata da administração pública, que se apoia, em última instância, na autoridade do ‘Estado’ ou da ‘Justiça’”<sup>3</sup> (Maingueneau, 2024, p. 111)

---

<sup>3</sup> No original: Le responsable de l'énonciation est l'institution dont chaque membre tire son autorité, dans les limites que

Sendo assim, na cena enunciativa construída no *reel* em estudo, as três dimensões do *ethos* podem ser analiticamente articuladas da seguinte forma: *i)* pela dimensão categorial, manifesta-se o *ethos* de um prefeito em exercício, reconhecido como autoridade administrativa responsável pelas obras públicas municipais. A publicação no perfil oficial e a presença da identidade visual da prefeitura investem previamente o corpo que aparece no vídeo de poder institucional; *ii)* pela dimensão experiencial, constrói-se a imagem de um gestor técnico, que compreende o funcionamento material da obra, ainda que não execute o trabalho manual: a permanência no interior do canteiro, os gestos de orientação e a atenção dirigida à estrutura física do espaço produzem um *ethos* de competência, eficiência e responsabilidade; por fim, *iii)* pela dimensão ideológica, delineia-se uma tomada de posição implícita em favor de uma gestão orientada por resultados, pela presença contínua e pelo cuidado com o uso dos recursos públicos, valores que atravessam a cena sem necessidade de formulação verbal explícita.

Paralelamente ao *ethos* de gestor técnico, observa-se a emergência de um *ethos* de proximidade, igualmente inscrito na dimensão experiencial. Ele se constrói a partir das cenas em que o prefeito compartilha o mesmo espaço físico dos trabalhadores da obra, sem se isolar por barreiras simbólicas ou materiais, e é reforçado pela ausência de ostentação nas vestimentas e na encenação geral da situação. Essa proximidade não se apresenta como gesto espontâneo, mas como efeito discursivo produzido pela cenografia e pelas escolhas de enquadramento, montagem e circulação do *reel*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este texto, depreendemos o *ethos* discursivo do prefeito ludovicense Eduardo Braide a partir de uma produção nativa digital. Ao ser apreendido como tecnodiscurso, o *reel* confirma a proposição de que, em ambientes digitais, o sentido não se organiza prioritariamente por desenvolvimento argumentativo verbal, mas pela encenação multimodal, sem necessariamente ser uma iconoforização (Cabral, 2024, 2025). A análise revela que a construção da autoridade política em ambientes digitais opera por mecanismos discursivos distintos daqueles que historicamente organizaram a comunicação institucional do poder público. Em vez do pronunciamento formal, do comunicado oficial ou do discurso de palanque, com predominância predominantemente verbal, como o caso analisado em Cabral (2026), o que se observa aqui é uma encenação cotidiana da gestão,

---

lui impose son statut. Ce dispositif acquiert son rendement maximal quand il s'agit d'une administration publique, qui s'appuie en dernière instance sur l'autorité de l'État ou de la Justice.

na qual a presença física do gestor no espaço urbano, sua gestualidade e sua corporalidade assumem a função legitimadora que, em outros contextos, caberia ao argumento verbal.

Esse deslocamento tem implicações diretas para o estudo da comunicação política contemporânea. A noção de *ethos* discursivo, mobilizada a partir de Maingueneau (2024, 2020, 2018) mostrou-se produtiva como instrumento de análise do poder simbólico: ela permite identificar como um gestor público constrói credibilidade, demonstra competência e produz efeitos de proximidade com os cidadãos sem recorrer às formas convencionais de prestação de contas. No caso analisado, o *ethos* mostrado, que se manifesta na corporalidade, na ocupação do espaço da obra e na articulação multissemiótica do *reel*, sobrepõe-se ao *ethos* dito, sinalizando uma reconfiguração dos modos de exercício e de visibilidade do poder local por não se construir pela argumentação propriamente verbal.

A cenografia da visita técnica à obra merece atenção especial nesse quadro. Trata-se de uma encenação politicamente eficaz porque é amplamente reconhecível no imaginário político-administrativo: a imagem de gestor que “vai a campo”, que não se isola no gabinete, que compartilha o mesmo espaço dos trabalhadores produz efeitos de sentido associados à responsabilidade, à eficiência e ao compromisso com o bem público. Esses efeitos, contudo, não emergem espontaneamente, já são produzidos por escolhas discursivas precisas de enquadramento, montagem, trilha sonora e circulação, que a Análise do Discurso Digital, na esteira de Paveau (2021), permite identificar como coerções técnicas constitutivas do sentido.

Do ponto de vista do campo político, os resultados deste estudo contribuem em, pelo menos, três dimensões. Primeira: evidenciam que a legitimação política nas redes sociais não se reduz à propaganda eleitoral, pois opera de forma contínua, inclusive em contextos não eleitorais, mantendo a prática ordinária de governança e de gestão da imagem pública. Segunda: demonstram que plataformas digitais são dispositivos que condicionam ativamente as formas possíveis de construção de autoridade e de visibilidade do poder. Terceira: apontam para a necessidade de ampliar os repertórios metodológicos da área para dar conta de objetos multissemióticos e nativamente digitais, nos quais a dimensão verbal é apenas uma das materialidades de produção de sentido político.

Por fim, o caso de Eduardo Braide sugere que a eficácia política nas redes sociais não resulta apenas de estratégias de marketing, mas de uma articulação coerente entre cenografia, corporalidade e posicionamento ideológico implícito. Compreender essa articulação é tarefa tanto da Análise do Discurso quanto das Ciências Políticas, e é na fronteira entre as duas que este artigo buscou se situar.

## REFERÊNCIAS

- CABRAL, L. R. Discurso de posse do governador Flávio Dino: ethos republicano em contexto de ruptura política no Maranhão. In: BIENING, P.; BUSARELLO, R. I.; SCHIEFELBEIN, L. (Org.) **Abordagens teóricas e práticas em pesquisa**. Coleção Linguística, Letras e Artes, v.4. São Paulo: Pimenta Cultural, 2026, p. 94-115. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/401315358\\_Discurso\\_de\\_posse\\_do\\_governador\\_Flavio\\_Dino\\_ethos\\_republicano\\_em\\_contexto\\_de\\_ruptura\\_politica\\_no\\_Maranhao](https://www.researchgate.net/publication/401315358_Discurso_de_posse_do_governador_Flavio_Dino_ethos_republicano_em_contexto_de_ruptura_politica_no_Maranhao). Acesso em 06 maio de 2026.
- CABRAL, L. R. Serviu, comprei, I want it, I got it: meme e destacamento. **Acta Semiótica et Lingvistica**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 146–156, 2025. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/actas/article/view/21542>. Acesso em: 03 jan. 2026.
- CABRAL, L. R. **O reino e as rebeldes**: o destacamento em capas de revista. Araraquara-SP: Letraria, 2024. Disponível em: <https://www.letraria.net/o-reino-e-as-rebeldes/>. Acesso em 03 jan. 2025.
- MAINGUENEAU, D. **L’ethos en analyse du discours**. Louvain-la-Neuve: Academia, 2024.
- MAINGUENEAU, D. **Variações sobre ethos**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2020.
- MAINGUENEAU, D. Retorno crítico à noção de ethos. Tradução de Maria da Glória Corrêa di Fanti. **Letras De Hoje**, 53(3), 2018, p. 321–330. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.32914>. Acesso em 19 dez. 2025.
- MAINGUENEAU, D. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 3, 2016. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, D. Argumentação e cenografia. In: BRUNELLI, A. F.; MUSSALIM, F.; FONSECA-SILVA, M. C. (Org.). **Língua, texto, sujeito e (inter)discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 187-204.
- MAINGUENEAU, D. Ethos e a apresentação de si nos sites de relacionamento. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010 (p. 79-90).
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008 (p. 11-32).
- PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas – SP: Pontes, 2021.

**VEJA.** Prefeito de São Luís tem a maior aprovação em capitais. 19 dez. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/prefeito-de-sao-luis-tem-a-maior-aprovacao-em-capitais-veja-o-ranking-completo/>. Acesso em 10 jan. 2026.

### Informações sobre o Artigo

**Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:** *Ethos discursivo em ambiente digital: o perfil de um agente político do Maranhão no Instagram*, aprovado pelo EDITAL PRPGI Nº 18/2024 - PIBIC ENSINO SUPERIOR IFMA 2024/2025.

**Fontes de financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

**Apresentação anterior:** Não se aplica.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** Não se aplica.

### Luís Rodolfo Cabral

Professor do quadro efetivo do Instituto Federal do Maranhão – Campus Rosário e docente permanente do Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde atualmente realiza estágio pós-doutoral. Coordena o grupo Linguagem e Discursos da Atualidade – LinDA (IFMA/CNPq).

**E-mail:** [rodolfo.cabral@ifma.edu.br](mailto:rodolfo.cabral@ifma.edu.br)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5456-8927>